



O Canto XVIII do "Inferno", da *Divina Comédia*, em ilustração de Botticelli

# Os labirintos de Dante

Edição monumental da *Divina Comédia*, uma das obras capitais da literatura, recupera as ilustrações originais do pintor renascentista Sandro Botticelli

LUÍZ COSTA LIMA

**A** edição da *Divina Comédia* que tenho diante de mim é quatro vezes preciosa.

(a) por sua tradução. De autoria de um tirolês naturalizado brasileiro, João Trentino Zeller, é a melhor versão completa em português da obra máxima de Dante; (b) por ser acompanhada das notas de leitura de João Adolfo Hansen, tão simples como eruditas; (c) pelos comentários de Henrique Xavier sobre as ilustrações de Sandro Botticelli (1445-1510); (d) por seguir o projeto gráfico idealizado pelo próprio Botticelli.

Tantos títulos dificultam uma resenha que nem banalize seu objeto, nem

exceda seu papel informativo. Tentarei fazê-la pela combinação de dados gerais com observações pontuais – a começar por uma dessas.

Na introdução à coletânea *The Greek and Us* [Os gregos e nós], o poeta inglês W. H. Auden não hesitou em declarar: “Não há nenhuma obra literária grega tão grande como a *Divina Comédia*”. Logo a enlaço às informações genéricas: escrita entre 1265 e 1321, suas primeiras edições surgiram em 1472.

Sua fama tornou-se tamanha que não duvido de que mesmo seu não leitor saiba que se trata da viagem de um mortal que, por interferência daquela a quem amara

na Terra, é guiado por Virgílio pelos reinos do Além, o Inferno, o Purgatório – para não falar também do Limbo, reservado a filósofos, poetas e chefes políticos e militares que tiveram a infelicidade de viver antes da vinda de Cristo – e, depois, por ela mesma, através do Paraíso.

Tampouco duvido de que mesmo seu leitor tenha ouvido falar da geografia de cada uma daquelas províncias. Importam-me as duas primeiras – posso dizer que são as minhas favoritas? O Inferno, que o leitor encontrará na bela ilustração de Botticelli, é um abismo cavado sob Jerusalém pela queda de Lúcifer, depois de expulso do Paraíso.

30 | CULT | 160

É formado por nove círculos concêntricos, dotados de plataformas que se ligam entre si, quando o Estige, o rio do Inferno, não as corta, e se estreitam como pirâmide invertida. Concentram-se em seus círculos os condenados, distribuídos de acordo com seus pecados, reservando-se o mais estreito e baixo para os traidores.

No Canto III, o Inferno abre-se para um vestíbulo, reservado para os mornos, os que “viveram sem infâmia e sem louvor”.

Já o Purgatório tem outra disposição. Formado pelo deslocamento de matéria advindo da depressão do Inferno, constitui uma montanha cônica, que se ergue a partir da superfície terrena.

Sensível à conduta dos habitantes de cada província do suprassensível, Dante

faz notar que, enquanto os condenados à pena eterna hão de ser chamados para contar suas desgraças, os de passagem pelo Purgatório empenham-se em pedir que, de volta à Terra, o poeta narrador os lembre, pois as orações dos vivos aliviarão suas penas.

## Além da teologia

Considerando-se a data de feitura do poema, é evidente que ele não podia deixar de se enquadrar nos princípios da teologia cristã. Mas já não é tão evidente sua dimensão política. É certo que Dante fora um florentino enredado nos conflitos políticos da cidade. Mas por si só isso não explica seu empenho contra papas e cardeais, acusados de pecados bem infames.

Assim sucede porque, sendo um “romance político-teológico” (E. Sanguinetti), como Hansen completa, “apropria-se das matérias de seu mundo e as figura sempre com medida exata e justa, mas nunca imparcial (...)”. Por isso, as dignidades eclesiásticas que o perseguiram estarão sempre em letras de fogo.

Guardarei as linhas restantes para duas anotações menos usuais. A primeira é de responsabilidade de Hansen. A propósito dos versos 25-27 do Canto VIII, acerca da coordenação entre *dizer e fazer*, o comentarista nota que, em oportunidades como aquela, estabelece-se uma quebra de sintonia entre a fala e a ação.

Dante faz três perguntas a seu guia, cuja resposta é adiada porque outra ação se interpõe. Isso cria um estado de alerta e tensão no leitor, antes comparável ao que se encontra na música vocal – a voz se

“atrasa” quanto à entrada do instrumento musical – do que na poesia.

A segunda é ainda mais breve. A propósito do próprio título, *Divina Comédia*, costuma-se explicá-lo como resultante do apego de Dante à distinção antiga entre tragédia – a obra que termina mal – e a comédia – de final feliz. Mas, em obra recente, *Categorie Italiane* (1996), Giorgio Agamben relê a carta em que Dante explicava a Can Grande o título da obra e oferece interpretação bem mais interessante: “A tragédia aparece como a culpabilidade do justo, a comédia como a justificação do culpado”.

O leitor que seguir a pista verá como ela envolve toda uma concepção do amor. Se ainda couber: a presença/ausência da volúpia carrega/retira tragicidade da relação amorosa. A obra de Dante é uma comédia porque... Beatriz é beatífica. O tempo de Dante é bem outro, embora sua obra continue nossa. □

**Luiz Costa Lima**  
é ensaísta e professor na Uerj e na PUC-RJ, autor de *Vida e Mimesis* (Editora 34)

## LEIA TAMBÉM

Clássico da literatura em língua latina e concebido para rivalizar com a *Odisseia* e a *Ilíada*, de Homero, a *Eneida* – em particular o canto I – é tema do livro *As Armas e o Varão* (Edusp), do professor da Universidade Estadual Paulista (Araraquara) Márcio Thamos.

Escrita por Virgílio (70-19 a.C.), a *Eneida* é um poema épico que narra a fundação mítica de Roma por meio da história do troiano Eneias. Salvo dos gregos em Troia, ele viaja pelo Mar Mediterrâneo até chegar à região onde hoje se situa a Itália.

**Divina Comédia**  
Dante Alighieri  
Trad: João Trentino Zeller  
Unicamp/Ateliê  
560 págs.  
R\$ 280

